



(REPRODUÇÃO DA CAPA DO PREGÃO DE 1902)

Dedicado ao  
**POVO DE GUIMARÃES**  
 e seu termo,  
 cioso e enobrecido  
 de suas Tradições,  
 pelo devotado carinho  
 que sempre dispensou  
 à centenária  
**FESTA NICOLINA,**  
 no ano 75  
 do seu ressurgimento.

## Pregão de S. Nicolau

### Bando Escolástico

JOÃO ARTUR, aqui! Todos os estudantes  
 Que em Guimarães usaram capa e batina  
 Contigo aqui virão da Morte triunfantes  
 Nestes dias de Festa — a FESTA NICOLINA!  
 Vinde junto de nós serenos e ovantes  
 Viver a nossa Festa alegre e peregrina  
 Porque o Pregão cá vai cantado como dantes  
 E por ordem real que a Tradição assina!

Em ti, João Artur, a nossa invocação  
 Dos que antes de nós a Parca fez vencidos:  
 Há zabumbas no céu e manda a Tradição  
 Que se façam rufar, rebentem os ouvidos  
 E artem os pulmões e vibre o coração  
 Nestes toques viris, nestes toques sentidos  
 Que são o nosso preto, a prece e cração  
 Nicolinos altares aqui a Vós erguidos!

Como veloz cometa um clarão perpassa  
 No alto, etéreo céu, distante, em que morais  
 E Deus consentirá numa divina graça  
 Que ao Santo Nicolau honras tantas façais  
 Que o Santo Inspirador tantos milagres faça  
 Que cause santa inveja aos Santos seus iguais:  
 Nunca nos falte o vinho e a tão falada massa  
 Para manter de pé as Festas que inspirais...

Acabem-se no mundo as farsas e porrinhas  
 Que tornam infeliz o crente e o pagão;  
 Venham junto de nós as «Hippes» e velhinhas  
 O rico poderoso e o pobre sem tostão!  
 E tu, João Artur, traz a Senhora Aninhas .  
 Que tem lugar na Festa e em nosso coração:  
 Vamos dizer aqui verdades comezinhas  
 Que se uns querem ouvir outros decerto não...

\*\*\*

Agora é para ti, ó meu Povinho astuto  
 Minha fala rompante, alegre e pregoeira:  
 Arrebita a orelha e de ouvido enxuto  
 Põe o olho na bola e tento na rasteira  
 Pois Braga quer roubar-te o sonhado Instituto  
 Em troca de promessas mil e mui fagueira  
 Faz da nossa razão o seu próprio reduto ..  
 No caldinho de pedra é hábil cozinheira!

Pois daqui fica dito: é ponto bem assente  
 Que a tão falada Lei há muito se rascunha  
 E Braga se prepara, anda a afiar o dente  
 Para pegar de vez o Instituto à unha!  
 Senhor Ministro, vá, assina! num repente  
 Decreto em forma tal que não permita cunha  
 E traga o dito cujo inteiro à nossa gente  
 Porque se Braga o vê... decerto o apresunha!

Queremos instrução para braços possantes  
 Herdeiros dos que outrora em luta desigual  
 Armados os pés com achas e montantes  
 Fizeram a Nação, gritaram arraial!  
 Estão cá no concelho os tubos fumegantes  
 E Guimarães foi sempre um centro industrial:  
 Por cá vinham outrora os moiros aos turbantes  
 E de tanto forjar... forjamos PORTUGAL!

O Instituto pois virá como presente  
 A premiar esforço ingente e milenário:  
 Virá tornar capaz e mais inteligente  
 O braço tão viril do nosso operário.  
 Para o encher agora até nos sobra gente  
 Ainda que os sandeus afirmem o contrário:  
 Se Braga se mostrar ainda descontente...  
 Que peça Faculdade... ou peça Seminário!

Cansados de esperar queremos pedir messas  
A quantos desta ideia firmes detractores  
Nos acenam sorrindo as mais gentis promessas:  
Chafarizes na praça e outros mais favores...  
Calem-se agora e já as vozes adversas  
Que afirmam por aí não termos professores!  
Só de rubra baeta há um milhão de peças  
P'ra meninos do coro e fradinhos cantores...

Mas ainda no adro vai a procissão  
Dos fastos desta sorte nossa tão daninha;  
Sentimos um Amor tão puro e sem razão  
Devemos confessar: amamos a vizinha...  
Acabe a malquerença e cesse a confusão  
Poís aceite o namoro pronto se adivinha:  
Traremos de charola à nossa divisão  
O Sport de Braga e toda a sua linha!

Senhor Governador: agora vai traçada  
Como nova aliança aberta à nossa frente  
O sonho distrital dum linda auto-estrada  
A ligar-nos, veloz, ao Porto num repente!  
Não seja sinuosa essa faixa asfaltada  
Que terá lá na Trofa o ponto convergente:  
Um braço vai partir à Braga bem amada...  
Outro p'ra Guimarães, ainda mais urgente!

E teremos assim a estrada da união  
Que vai do nosso Minho as vistas alargar  
Trazer grande progresso ao povo, à região  
De que somos o Berço e Braga lindo Altar!  
Por ela vireis vós comprar tecido bom  
Cutelaria fina e sola de estalar  
E nós vos mostraremos a nossa gratidão  
Seguindo todos nela a Braga p'ra rezar!

\* \* \*

Nosso edil presidente é uma roda viva  
A ver se recupera um pouco de atenção  
Da Lisboa que manda, distante e tão esquiua  
A dar umas migalhas ao Berço da Nação!  
Com frase burilada a nossa esp'rança aviva  
Sonha com o progresso e com a Conceição:  
É bem da nossa Terra, terra de gente activa  
Cansada de viver dos fumos da Ilusão!

O tempo é novo agora, há mudança de ventos  
Quando este Pregão sai gemendo sob o prelo:  
É hora de trabalho e de empreendimentos  
Há que entrar em acção às ordens de Marcello!  
Acabem-se de vez estafados lamentos:  
É hora de trabalho, hora de camartelo  
E embora orgulhosos de nossos monumentos  
Não podemos viver das sombras do Castelo...

Que se alargue a Cidade e ande a construção  
Que Lisboa condena a ser atarracada  
Com cêrceas do passado e a complicação  
De toda a gente nela meter a colherada...  
O Plano Director já vem da Fundação,  
Afonsino e senil, já não serve de nada:  
Queremos trabalhar, nós pedimos acção  
Menos burocracia e menos papelada!

Senhor Correio Mor: que é feito dos Correios  
Que iam construir o tal palacozito?  
Para que são ali esses tapumes feios  
A recordar ao povo um atrazo inaudito?  
Já Guimarães pediu, e fê-lo sem rodeios  
Um justo alargamento em círculo bonito  
Que integre na Cidade os povoados meios:  
A porta cá da Vila é na Ponte de Brito!

Deixai-nos construir e vereis como é  
Cápaz e eficiente a nossa engenharia  
Que não bota banheira onde cabe bidé  
E realiza assim solerte economia...  
E vinde ver depois, sem grande salsifré  
De engenheiros modernos a sagaz fantazia  
Das divisões mirins onde se dorme em pé  
Fachada aparatosa e corredor enguia...

Nem queria falar nisso da camionagem  
Porque a repetição vai deixar-me aturdido:  
O Toural continua a ser uma garagem  
E os autocarros param em sítio proibido!  
Motoristas são bons, merecem homenagem  
Porque naquele caos de trânsito entupido  
Fazem manobras tais, gincanas e viragens  
Que o Zé Pagode vê e fica estarecido...

Qualquer dia há desastre, haverá falatório  
Inquéritos à bessa e outros descatos:  
Já viram a gaiola dos Preparatórios  
Onde mil estudantes se apinham como ratos?  
Aquilo era recurso, seria provisório  
Ameaça ruína, tem paredes com gatos...  
O pobre Director tem um trabalho inglório  
A segurar os vidros do antigo Internato!

O povo vai à Penha e dispensa farnéis  
Desporto salutar, pratica o alpinismo  
Graças à tal gaiola e graças aos cordéis  
Que para o alto vão suspensos no abismo:  
Estão em construção piscinas e hotéis  
Campos de tiro ao voo e outros de campismo  
De grandes dimensões, riscados nos papéis  
De quem manda e comanda as coisas do Turismo...

Vai um novo cinema exhibir-nos barretes  
Que nos sirvam melhor que os do nosso Jordão;  
Os padeiros irão vender-nos os cacetes  
Ao abrigo da lei regimental do pão;  
Nas Festas a Gualter para além dos foguetes  
Houve números novos, grande sensação:  
Cortejos do Carvalho e lindas Majorettes  
A desfilar gentis de pauzinho na mão...

\* \* \*

Marcello prometeu — e cumpre escrupuloso —  
Dar nova dimensão ao vosso sindicato;  
O Vitória apanhou um lugar bem jeitoso  
E vai ganhar este ano o tal campeonato...  
Povo! Que queres mais para teu gozo  
Porque te choras tu, meu colorido pato  
Minhoto até ao fim e tão habilidoso  
No manejo da faca e no rapar do prato?

Já podes acender, sereno, o teu isqueiro  
E viajar de carro com toda a segurança  
Se começares a usar a partir de Janeiro  
O legal capacete e cinto sobre a pança!  
E não pagas ainda imposto de solteiro...  
Metes «vales à Caixa» sem prestar fiança...  
Trabalhas devagar, recibes por inteiro...  
Meu Zé Teimoso: porque vais tu para França?

Que podes desejar se a tua alma goza  
— Escorre da anedota o riso mais brutal —  
E a terrinha que tem a água sulfurosa  
Por dar um concelho ultra-medicinal?  
Vamos daqui riscar um concelho n'Arosa  
Que não lhe fique atrás: é muito industrial  
E tem lá numa bica a água milagrosa  
Que só num semicúpio cura a catarral!...

Arosa bem merece as galas de cidade  
Tal qual como essa dita e outras terras mais  
Que regam o feijão desde manhã à tarde  
O sachinho guiando as águas minerais...  
Em questão de minério Arosa tem o jade  
Que é muito precioso e deve valer mais  
Que o leite do Vizela, um rio que se invade  
De camarões e trutas e bancos de corais!

Se amas anedota e rir é o teu forte...  
Se gostas de comer bom queijo e mortadela...  
Se gosta de beber o vinho cá do Norte...  
Se aguentas firme um frango em cabidela...  
Se fazes num Perú habilidoso corte...  
Se o reuma não te fez a mínima sequela...  
Então, meus parabéns! E's um homem de sorte:  
Não teus que ir ainda a banhos p'ra Vizela!

\* \* \*

Donas do nosso lar: ainda este Verão  
A água vos pregou partidas bem pregadas  
E vos lançou na dor, na torpe aflicção  
Dos pitéus sem pitéu, das sopas esturradas...  
Como em tudo na vida há sempre um lado bom  
E o cano cantou em fortes bafaradas  
O'peras de Verdi e o fado «Encanação»  
Lavou mais branco ainda as roupas já lavadas!

Seguindo mui seguro e muito devagar  
Estudando cauteloso a base ao orçamento  
Houve quem inventasse a cozedura a ar  
Se fosse conseguido o seu encanamento  
E criado que foi princípio liminar  
Meio caminho andado estava p'ro invento:  
Eureka! E conseguiu formas de cozinhar  
«Cuecas au sauté» penduradas ao vento...

Provada a invenção havia que montar  
A tal encanação para o dito inventor  
Zás! Eis os Serviços Municipais do M  
A bufar, a soprar pelo teu contador!  
E assim a torneira aprendeu a cantar  
Uma canção tão gira, uma canção de amor  
Que ouvida a prestações teremos de pagar  
Contra «lindo» recibo ao bom do cobrador!

\* \* \*

A vós, ó tristes criancinhas da cidade  
Faz-vos falta um jardim ou parque natural  
Onde possais brincar desde manhã à tarde  
Sem perigo de vida ou risco d'hospital.  
Quanta dor e tristeza a nossa alma invade  
Ao ler a estatística, terrífica, brutal  
Que nos dá primazia na mortalidade  
Por falta de assistência pré e pós-natal!

Mudar vosso destino é ponto crucial  
E para o resolver não basta conhecê-lo  
Mas entrar em acção resoluto e vital:  
Que da morte ao nascer acabe o pesadelo!  
Amparar a criança é gesto maternal  
Que exige devoção, amor e muito zelo:  
Povo de Guimarães — Berço de Portugal —  
Tomais disto ciência, é tempo de fazê-lo...

Que acabe de repente a crua penitência  
De quantos ao nascer sofrem falta de amor  
Na falta de cuidado e falhas de assistência  
Que reduzem a nada o esforço criador:  
Se o Hospital não chega... crie-se a dependência  
Que há muito já pediu o nosso Provedor  
Porque isto de nascer é caso de urgência...  
Contrate-se parteira e chame-se doutor!

\* \* \*

A malta teye este ano um atrazo de vida  
Por isso desespera e geme e solta ais:  
Ficamos sem Reitor, chamado a nova lida  
De Por S. Bento dar lições «parlamentais»!  
E para azar maior o nosso Boavida  
(Não há rapazes maus... São todos bestiais...)  
Alcançou a reforma, dura e merecida:  
Deixou-nos para sempre, esse não volta mais!

Ó Mestres, vós andais em nosso pensamento  
Por isso perdoai que tenhamos o fito  
De vos fazer convite para um casamento  
Que estamos a chocar num parzinho bonito.  
Pará que perdoeis o nosso atrevimento  
Quase vamos dizer quem constitui o dito:  
Ele é dos cabeludos famoso monumento...  
Ela tem da magreza as formas do palito...

E diremos também que tudo anda mudado  
E o Povo tem razão com toda a sua ronha  
Pois já tornam barato o caro linguado:  
Nem peixeira haverá que tão barato o ponha!  
Já fartos de espreitar o parzinho enlaçado  
Estamos cansados de gente tão bisonha:  
Tal juventude faz o riso desbotado  
Do muro de Berlim chamado da Vergonha...

Mas anda por aí ainda muito bicho  
A mirar-se no espelho ao pentear a grimpã:  
E' tempo de botar tais cabeças no lixo  
E' tempo de manter nossa cidade limpa!  
Dar a meninos tais num grande carrapicho  
O piolho feroz que nele se repimpa  
Um Piolho chinês; que o Chin com seu rabicho  
Ao menos não engana e nem sequer nos finta!

Tais filhos vão criando os pais associados  
Que já se fica em nós enorme confusão:  
Aonde estão os pais outrora tão falados  
Que davam um tabefe p'ra barrar o pão?  
Sereis réus por desleixo e nós abandonados  
Seremos para sempre a voz da acusação:  
Nossos Avós há muito morrem de banzados  
Ao ver que abusais da auto-educação!

\* \* \*

Agora é para ti, Mulher, deusa da Vida  
O preito Nicolino na fala do Pregão:  
E' bom que vás usando a saia mais comprida  
Mas vestir albornoz, meu Deus, isso é que não!  
Já era a tua perna assaz bem conhecida  
Que nem de ver-ta assim te perdoava Adão:  
Pois para que usar a maxi comprida  
O que desejas tu, qual é a intenção?

Será esconder a «jambe» um tanto magricela  
Trocar as estações, fazer do Verão Inverno?  
Ide tomar um banho às furnas de Vizela  
Com essa saia assim, ide para o Inferno!  
Mas se tens a midi e queres vir com ela  
Podes entrar na Festa em que num gesto terno  
Eu ofereço a maçã à doce ferradela  
Do teu sorriso meigo, fresco e hodierno...

Vamos fazer p'ra ti enormes bailações  
Que nisto de dançar temos a perna azada  
Mas não vamos andar na sala aos trambolhões  
Nem ir para hospital de cabeça amarrada...  
Dançaremos «tu viste» sem complicações  
E outras danças mais em luta encarniçada:  
Mas se vais para lá armada de fraldões...  
«Tu-viste or not'u viste»... tu não viste nada!

\* \* \*

Vai grande este Pregão, seria deshumano  
Tratar à exaustão o resto que nos fica  
Pois vai haver decerto outro Pregão p'ró ano  
E o autor então que continue a dica,  
Mas antes de acabar quero dizer ufano  
Que cá em Portugal há gente muito rica  
Que deposita largo às margens do Lemano  
Escudos convertendo em cifrões damerica!

A massa que nos falta, em malas exportada  
Reduz o nosso sonho a tristes dimensões:  
Nossa fauna marinha — a sardinha assustada —  
Não serve para assar nem para exportações!  
O pobre pescador nas redes não traz nada  
E conserta na praia das ditas os rasgões  
Aguardando que seja em breve autorizada  
Pescaria do altó em caça aos tubarões...

Entre os donos do mundo reina a confusão  
Que o direito morreu é um caso perdido:  
A lei é o poder, a lei é o cifrão  
Que faz do Bem e Mal um todo confundido!  
O mesmo que levou guerra ao Vietnã  
E a mantém por lá (e de antemão vencido)  
Emite na ONU a douta opinião  
De que o nosso Ultramar devia ser... vendido!

Na guerra «oriental» não vamos meter bico  
E muito menos quero meter lá o meu:  
O canal do Suez é agora um penico  
Um urinol comum p'ra mouro e p'ra hebreu!  
A honra vai no Mundo feita num fanico  
Desde que num pavio o negro pez ardeu:  
Bons tempos em que o mundo andava de gerico  
O árabe montando um burrinho judeu...

Não vamos nós entrar na farsa bestial  
Dessas tramóias todas, do jogo fementido  
De quem tendo por casa a questão racial  
Só na casa alheia tem tudo «resolvido»...  
Quem quiser saber mais pode ler o jornal  
Ver as contradições, ficar doído varrido:  
Por isso este Pregão vai todo nacional  
Porque Nação supõe um povo bem unido!

\* \* \*

Foi nesta Guimarães que nasceu a História  
Dum Povo que traçou à muito a sua rota:  
Viver pela Razão, lutar pela Glória  
Fazer dum coração as velas duma frota!  
E se fazer barulho é força suasória  
Nós vamos do chinfrin arrebeitar a quota  
Fazer do salsifré tarefa meritória:  
Jamais se descalçou a nicolina bota!

Afogai em barulho o pior dos Pregões  
Pois tudo quiz dizer e nada deixou dito  
Que venha esclarecer as vossas confusões  
E outras tretas mais que tendes no esp'rito...  
Erguei a maçaneta alegres foliões  
Traçai com ela um «V» nos versos que recito  
E escrevei Vitória em vossos corações:  
São Nicolau, àvante! — é hoje o nosso grito!

Erguida a maçaneta em gesto teatral  
E firme no umbigo o festo do zabumba  
Mostrai que Guimarães, mostrai que Portugal  
Não entra sem barulho aí em qualquer tumba!  
Estandalhaço pois, barulho infernal  
Certinhos por igual, batei todos à uma  
Mostrai que o nosso sangue é muito especial:  
Não é feito de chá...

é «tinto» de «prumeira»!...

A. MEIRELES GRAÇA

FEC 11

Desembro | 1970

TIP. MAIA - GUIMARÃES